



Moria





Diário de um pesadelo

Um caderno encontrado nas cinzas do campo de refugiados de Moria, Grécia, mostra os horrores que os menores não acompanhados ali sofreram. É um relato sobre o fracasso da Europa em proteger o grupo mais vulnerável de requerentes de asilo. Desde o incêndio de Setembro, a situação dos migrantes menores em Lesbos só se agravou

Por Stavros Malichudis e Iliana Papangelis/Investigate Europe

ALKIS KONSTANTINIDIS/REUTERS

Na manhã fria de 18 Novembro de 2018, um assistente social na “zona segura” de Moria faz uma descoberta revoltante. Fanis* entra numa sala para recolher uma caixa de tangerinas para as crianças. Dentro da caixa está um rato morto.

Não é a primeira vez que isto acontece. “Problema sério com os ratos, e perigo de difusão de doenças para os beneficiários e o pessoal”, anota num diário de capa dura no final do seu turno.

Esta não é a sua única preocupação naquela manhã.

A chuva intensa da noite anterior inundou a sala, Fanis continua a escrever; é a sala onde se encontra o frigorífico e a unidade de aquecimento. A chuva também se infiltrou no “contentor nº 5”, que aloja alguns dos menores não acompanhados no campo.

“Perigo de electrocussão”, escreve o assistente social, antes de guardar a sua caneta e fechar o caderno. Sem isolamento e vedações de silicone, adverte, a situação permanecerá insegura e porá vidas em perigo.

Até à noite de 8 de Setembro de 2020, quando múltiplos incêndios o destruíram por completo, Moria tinha sido o principal campo de refugiados do mar Egeu e o mais conhecido da Europa, o local onde, durante anos, foram relatadas condições desumanas e perigosas para os seus milhares de residentes.

Andando pela periferia queimada do campo – que se situa na ilha grega de Lesbos – no rescaldo do incêndio, no que costumava ser a chamada “selva” (um antigo olival em torno da estrutura inicial em que centenas de tendas improvisadas foram montadas) encontramos um caderno de apontamentos. Estava no chão, no meio de tendas destruídas, objectos queimados e da cinza que escureceu a enorme área do campo. O conteúdo cobre um período de cerca de seis meses, de 3 de Novembro de 2018 a 7 de Maio de 2019.

Este é o diário que foi escrito por 11 funcionários da Organização Internacional para as Migrações (OIM), uma organização intergovernamental filiada nas Nações Unidas e responsável pela chamada “zona segura” em Moria. Segundo a OIM, a sua equipa naquela zona era constituída por “trabalhadores de protecção

infantil, psicólogos, advogados, prestadores de cuidados, enfermeiros [e] intérpretes para ajudar as crianças e cobrir todas as suas necessidades”. A zona segura era aquela em que os menores não acompanhados viviam sob supervisão, frequentemente durante meses, enquanto esperavam para serem transferidos para o continente grego ou para outros países europeus. Foi criada para proporcionar a estes menores uma melhor protecção do que a que existia no resto do campo.

As condições de vida inseguras de Moria têm sido amplamente noticiadas. No início de 2020, o Investigate Europe – juntamente com a rede de investigação grega Reporters United

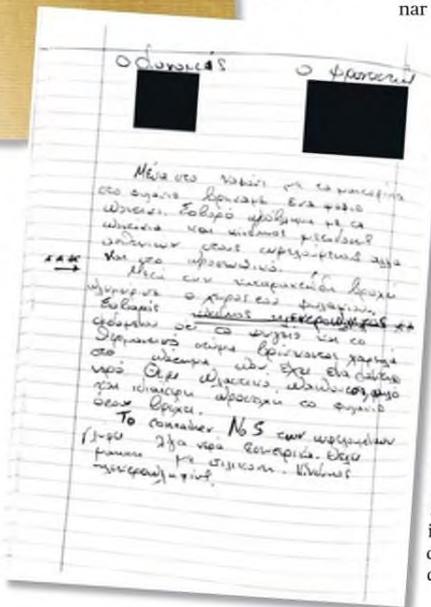
– publicou uma investigação sobre a prisão de migrantes menores. Nessa investigação o IE já se detinha sobre as condições de insegurança em Moria.

Este caderno, descoberto nas cinzas de Moria, confirma a chocante realidade que os requerentes de asilo mais vulneráveis da Europa tiveram de suportar. Escrito segundo o ponto de vista das pessoas que lá estiveram para proteger os menores, revela a sua impotência e incapacidade para o fazer. Os funcionários da OIM – e Fanis em particular – também utilizaram o livro para lançar um alerta e reclamar contra a inacção das autoridades.

O caderno revela as constantes e intermináveis insuficiências técnicas, as profundas lutas psicológicas dos menores desacompanhados, e os perigos que os esperavam em cada canto – não só fora da zona segura, mas também dentro dela. O perigo da electrocussão parecia não só fazer parte da vida quotidiana, como estava longe de ser a única preocupação.

Fogo e fuga

Fuga de Moria durante o fogo de 9 de Setembro; capa do diário da OIM e a página onde se conta o episódio do rato morto encontrado dentro de uma caixa de tangerinas



Escurecimento constante

A falta de electricidade – causada por fortes chuvas ou outros incidentes – é um problema que aparece frequentemente nas 190 páginas do caderno. Por vezes, as interrupções de energia eléctrica mantinham-se durante dias.

A ausência de electricidade durante a noite significava que o pessoal não podia supervisionar os dois lados do arame farpado, que é o que separa a zona segura do resto das instalações. Verificar quem tentava entrar ou sair da zona era uma tarefa importante. Afinal, era tarefa dos zeladores certificarem-se de que os menores estavam seguros, enquanto estavam na zona que lhes prometia segurança.

Assim, em 24 de Novembro de 2018, sofrendo os efeitos da falta de energia que já durava há vários dias, o assistente social de turno abre o caderno de apontamentos. É o turno de Fanis, Maria e Giannis. O seu tom parece desesperado.

“A inacção das pessoas encarregadas está a resultar novamente em não termos electricidade, e em não termos sequer uma luz dentro e fora da zona segura”, diz a nota. “Quase diariamente, trazemos tochas das nossas casas, e, em condições de escuridão total, tentamos ver quem salta para dentro e quem salta para fora da zona de segurança. Estas condições são inaceitáveis, e, independentemente das queixas diárias dos trabalhadores de cuidados de saúde durante muito tem- ➔



po, a situação não parece estar a melhorar.”

A preocupação dos autores do diário parecia bem-intencionada. Quando os menores se encontravam fora da zona protegida, quase tudo lhes podia acontecer.

Uma triste nota de Natal...

No topo da página, um “Feliz Natal!!!” em letras grandes e claras destaca-se entre outras notas que parecem ter sido escritas apressadamente. Estamos a 25 de Dezembro de 2018, e uma menor da zona segura – chamada S. – acaba de passar um pedaço de papel com um nome aos assistentes sociais.

É o nome do seu agressor. Os assistentes sociais acrescentam o nome no livro com um lápis, entre outras notas feitas com uma caneta azul.

“Ele bateu-lhe fora da zona segura, quando estava bêbado”, acrescentam os trabalhadores da assistência social. “Chamámos a polícia, o agente enviou a patrulha. Vamos ver o que vai acontecer.” A entrada é assinada por Fanis e Dimitris – o seu tom de resignação indica que não esperam realmente que sejam tomadas muitas medidas.

No início desse dia, um homem tinha-se aproximado da entrada da zona segura. Enquanto falava com o assistente social, acusou a menor, S., de lhe ter roubado dinheiro. O homem tinha-lhe dado dinheiro em muitos casos, alegou, “em troca de coisas que não podem ser descritas”.

Os assistentes sociais tinham-no mandado embora, dizendo-lhe que, se alguém lhe tivesse roubado dinheiro, ele deveria ir à polícia e que a violência não tem lugar na zona segura. “Ele saiu satisfeito...”, dizem as notas. Não está claro no caderno se o incidente teve quaisquer consequências e que ajuda a rapariga maltratada recebeu. Numa resposta geral ao pedido de comentários do IE, a OIM disse que “apoio psicológico às crianças para prevenir ou resolver quaisquer conflitos que surjam” foi concedido sob a sua supervisão.

A exploração sexual, tal como se intuiu no incidente acima referido, foi um das dezenas de perigos que os menores enfrentaram desde o momento em que atravessaram a vedação até entrarem na zona segura. Outros riscos incluíam o abuso de álcool ou de drogas ou o envolvimento em brigas.

Na noite de 4 de Abril de 2019, o rapaz menor N. aparece no diário, como “tendo feito inalações do líquido utilizado para reabastecer isqueiros, como habitualmente, e tendo começado a agir de forma estranha”. Passado algum tempo, começou a atirar pedras, partindo janelas. “O oficial de turno foi informado, eles vieram muito rapidamente, mas N. saltou a vedação e saiu”, descreve a entrada.

Há inúmeros casos relatados no caderno, por vezes em dias consecutivos, descrevendo menores que regressam à zona segura bêbados ou pedrados. Em alguns casos, causaram distúrbios aos residentes ou aos prestadores de cuidados, envolvendo-se em altercações.

“Que se foda Moria!”

Por vezes, os prestadores de cuidados parecem ser incapazes de lidar com a situação e precisam de pedir a intervenção da polícia presente no campo para serenar os ânimos.

“Ainda estamos vivos!!”, exclama uma nota assinada pelos assistentes da OIM Dimitris e Iosif na noite de 6 de Dezembro de 2018. “Q.,



H. e A. voltaram de fora, provavelmente estavam bêbados (talvez até pedrados) e insultaram-nos dizendo: ‘Vai-te foder, que se foda a polícia, Moria’, etc.”

Os insultos verbais não foram a única coisa que aconteceu naquela noite.

O caderno fornece uma descrição detalhada dos acontecimentos que ocorreram antes de a polícia – depois de tentar durante 40 minutos – ter finalmente conseguido acalmar os menores, acabando por levar os três rapazes à esquadra.

“É bom ser maluco”, o menor de nome Q. continuava a gritar para os cuidadores. A sua raiva traduziu-se numa série de danos: “Há 13 janelas partidas, não verificámos os armários, mas estimamos que três ou quatro deles também, e os caixotes do lixo estão também entre os artigos partidos.”

Já foi noticiado anteriormente que as condições sobrelotadas e degradantes no campo de Moria alimentaram tensões entre residentes de diferentes grupos étnicos e nacionais.

No Inverno de 2019, o Investigate Europe publicou conclusões sobre as condições teríveis suportadas pelos requerentes de asilo menores em todo o continente, incluindo em Moria. “Há filas de espera em frente às casas de banho. Há filas de espera para tomar banho, frequentemente em água fria”, explicava o trabalho. O cooperante sueco Patric Mansour, que tinha trabalhado em Moria desde o início do campo, disse-nos que os elevados níveis de stress e frustração eram criados por uma vida quotidiana que era governada por “atrasos em todas as áreas”.

“Toda a frustração é posta sobre o indivíduo, que vive na incerteza”, disse ele. “Há violência e crime. As pessoas lutam por pequenas coisas por causa do stress.”

O caderno mostra que os menores também foram afectados pelas condições de violência no campo. A violência é transcrita como parte da vida quotidiana: uma luta entre dois rapazes leva a mais um a envolver-se, e finalmente termina com um deles a ser levado ao



Perigos à espreita

O caderno da OIM revela as constantes insuficiências técnicas, as profundas lutas psicológicas dos menores desacompanhados, e os perigos (exploração sexual, abuso de álcool ou de drogas, violência física...) que os esperavam em cada canto – não só fora da zona segura, mas também dentro dela. Em cima, campo devastado após o incêndio no dia em que o repórter Stavros Malichudis encontrou o caderno. Em baixo, a divisória que separava a zona segura do resto do campo, numa imagem captada antes dos incêndios que o destruíram

médico (26 de Novembro de 2018). Dois irmãos atacam um terceiro rapaz com paus (2 de Dezembro de 2018).

Questões de saúde na zona segura

Por vezes, porém, os menores dirigiram a violência para si próprios. A 6 de Novembro de 2018, a menor S. – que mais tarde relataria o abuso – mutilou-se com uma navalha dentro dos chuveiros das raparigas e foi levada ao médico. A ferida era profunda, diz a entrada. A 8 de Março de 2019, outra menor, mencionada como A., também se cortou e foi levada para o hospital local para ser vista por um psiquiatra.

Outras entradas do caderno destacam igualmente os traumas psicológicos vividos pelas crianças do campo.

A intervenção do médico militar do campo foi frequentemente necessária e, em alguns



FOTOGRAFIAS: STAVROS MALICHUDIS/INVESTIGATE EUROPE

Como confirmar os relatos do “pior campo da Terra”?

Quando entrávamos em Moria para fazer reportagem — e fizemo-lo por várias vezes —, havia sempre uma cautela exagerada que nos continha o olhar. Falámos com menores sozinhos, naquele inglês técnico possível, muitas vezes traduzido por outros menores afegãos ou sírios, e repetíamos, para nos convencer, que aqueles relatos precisavam de ser confirmados, explicados, contextualizados. Eram terríveis e plausíveis. Demasiado.

Procurávamos então acrescentar a visão, e o testemunho, dos assistentes sociais que lá trabalhavam. Muitos não podiam falar abertamente (os trabalhadores da OIM têm acordos de confidencialidade, por exemplo). Muitas das histórias que ouvimos não as chegámos a escrever, porque pura e simplesmente não podíamos garantir de nenhuma forma que tivessem acontecido mesmo assim.

Essa é a frustração dos jornalistas. E por isso foi tão importante que o nosso colega grego Stavros Malichudis regressasse a Moria, depois do incêndio, e olhasse à sua volta e para o chão coberto de cinza. Nas páginas do diário que encontrou estão relatadas as histórias que temos a obrigação de contar, atestadas pelas fontes que têm o dever de as manter reservadas.

Mas também este diário precisou de ser testado pelo método jornalístico que nos obriga a verificar se aquilo que parece de facto é.

O Investigate Europe e a revista grega *Solomon* utilizaram vários métodos para determinar a autenticidade do caderno. Todas as citações são atribuídas exactamente como foram escritas pelos assistentes sociais (traduzidas do grego), e todas as palavras sublinhadas no caderno original foram sublinhadas pelos assistentes sociais.

Confirmámos as histórias ali relatadas com alguns jovens que ainda se encontram na Grécia e procurámos assegurar-nos que estes conheciam os menores referidos no diário. Procurámos provas desse conhecimento para estarmos seguros (fotografias dos menores juntos, conhecimento específico do campo naquelas datas).

Mais difícil foi tentar encontrar os autores do diário, alguns dos quais por se encontrarem ao serviço da OIM noutros campos, que continuam vinculados ao “dever de confidencialidade”. Não pudemos, por isso, citar directamente nenhum dos assistentes sociais, no presente, neste trabalho. Mas confirmámos a autenticidade do diário com um deles que tem de permanecer anónimo.

Pedimos também à OIM que confirmasse que estes assistentes trabalhavam em Moria na altura. A OIM não respondeu a estas perguntas, mas respondeu a outras que fizemos e não negou a existência do caderno nem disse que não havia funcionários com aqueles nomes.

Em 2018, o coordenador dos Médicos sem Fronteiras classificou Moria como “o pior campo de refugiados da Terra”, apesar de ser co-financiado pela União Europeia e pela Grécia. Foi criado em Setembro de 2013 como um “centro de acolhimento e identificação” para os requerentes de asilo que chegavam à ilha de Lesbos, na Grécia, a partir das costas turcas. Migrantes e refugiados foram instalados no que fora outrora um campo militar grego. Em 2015, tornou-se um *hotspot* oficial da UE para os requerentes de asilo.

Apesar da sua capacidade oficial inicial para 2330 pessoas, na altura do incêndio de Setembro de 2020 o acampamento acolhia 12.500 pessoas. No final de 2019, havia quase 16.000 pessoas a viver em Moria e mais de 18.000 em toda a ilha de Lesbos. Os requerentes de asilo foram impedidos de aceder ao continente grego, graças a um acordo da UE com a Turquia em 2016, que impôs uma restrição geográfica aos migrantes e refugiados que tinham chegado às ilhas gregas através da Turquia. Como resultado, foram construídas centenas de tendas à margem das instalações oficiais, criando o que foi referido por todos como “a selva”.

Foi aqui que o caderno foi encontrado após os incêndios.

Portugal comprometeu-se a receber menores não acompanhados do campo de Moria. Foi um dos poucos (sete) países europeus a fazê-lo. **Paulo Pena/ Investigate Europe**



casos, os menores tiveram de ser escoltados para o hospital da ilha por questões de saúde. Mesmo assim, nem sempre recebiam a ajuda de que necessitavam.

Na noite de 1 de Dezembro de 2018, um bebé que vivia com a sua mãe adolescente na secção das raparigas começou a chorar. “Levámos [o bebé] ao médico militar do campo, mas ele disse-nos que não tinha conhecimentos sobre bebés e que alguém deveria vê-lo amanhã”, escreve o cuidador, acrescentando que o bebé poderia eventualmente ter varicela.

Nessa noite fria de Dezembro, o trabalho na zona segura é mais uma vez afectado pela falta de energia, tornando impossível fornecer ao bebé o aquecimento necessário.

O registo de 7 de Dezembro de 2018, é um pouco mais longo do que o da maioria dos dias e inclui dois tipos diferentes de avisos — abrangendo duas páginas — de Fanis, assistente social em turno.

Sobre os acontecimentos acima mencionados da noite anterior — que resultaram na intervenção da polícia — Fanis escreve: “É óbvio que existe uma grande inactividade na gestão e supervisão, apesar das nossas constantes queixas e avisos. Continuaremos a informar e a trabalhar em condições sem precedentes e inaceitáveis, e vamos todos desejar que não haja incidentes mais graves com beneficiários e colegas.”

Mais dez rapazes afegãos tinham sido transferidos para a zona segura no dia anterior e Fanis alerta que as transferências, a este ritmo, podem alimentar tensões na pequena comunidade. “Os antigos sentem que precisam de provar algo, e os recém-chegados sentem a pressão da nova sociedade em que entraram. As transferências de beneficiários devem ter lugar gradualmente; caso contrário, acontecimentos como o de ontem continuarão a existir na zona segura”, escreve ele.

Uma vez que rapazes e raparigas de diferentes nacionalidades vivem na zona segura, os menores que falam inglês servem frequentemente como intérpretes para a sua comunica-

ção com o pessoal. Mas esta não é a única preocupação expressa pelo cuidador nesse dia.

Fanis observa que os rapazes mais velhos, envolvidos em actos de violência no passado, parecem permanecer na zona de segurança, causando ansiedade aos cuidadores. No caderno, eles relatam os encontros com eles e alertam para o futuro. “No mínimo, é problemático ver mães com bebés, jovens rapazes desacompanhados e elementos criminosos, mesmo pessoas com facas e armas improvisadas, a viverem juntas durante meses no mesmo local. O papel e a causa de existência da zona segura precisam de ser redefinidos e esta é uma discussão que tem de ter lugar sem mais demoras”, conclui a nota.

No dia da última entrada — 8 de Maio de 2019 — havia 4752 pessoas a viver em Moria, embora a sua capacidade na altura fosse de 3100. A zona segura tinha uma capacidade para cerca de 150 menores não acompanhados, mas no período de tempo narrado no caderno, havia entre 300 e 600 pessoas a viver naquele local.

Apenas três meses após essa última entrada, na noite de 25 de Agosto de 2019, ocorreu outro incidente. Tal como os trabalhadores da assistência tinham temido, a violência irrompeu. Um rapaz de 15 anos do Afeganistão foi esfaqueado até à morte na zona segura.

Agora que Moria ardeu e só restam cinzas, terá a situação dos migrantes menores melhorado? No rescaldo do incêndio, os cerca de 400 menores não acompanhados que então viviam nas instalações foram transferidos para o continente, e espera-se que sejam distribuídos pelos dez países da UE, incluindo Portugal, que os aceitaram receber.

Mas há recém-chegados desde então, cujo destino permanece pouco claro. Existe um novo campo chamado “Moria 2.0”, criado por refugiados e ONG, que foi construído nos dias que se seguiram ao incêndio, e que está localizado numa antiga carreira de tiro do Exército grego.

A alimentação é fornecida apenas uma vez por dia, e um mês após o novo acampamento ter sido criado, ainda não há chuveiros. Os residentes disseram ao IE que têm de tomar banho ao ar livre, enquanto os pais dão banho aos seus filhos no mar próximo.

As famílias vivem em tendas que não têm camas, e até 100 homens solteiros partilham grandes tendas, dormindo em beliches. Até agora, não há nenhuma área em que menores não acompanhados possam viver separadamente do resto da população.

O Governo grego não respondeu ao pedido de comentários do IE. Nesta nova realidade para os mais vulneráveis entre os requerentes de asilo europeus, já nem sequer existe uma “zona segura”, nem que seja apenas no nome.

“Os funcionários da OIM assinaram as páginas do diário com os seus nomes; na maioria das vezes, usaram apenas os seus primeiros nomes, mas por vezes incluíram o seu apelido. Ali, os assistentes sociais registaram os nomes completos dos menores a que se referiam. O Investigate Europe publica apenas as iniciais dos nomes próprios dos menores e alterou os nomes dos prestadores de cuidados, a fim de proteger a sua privacidade.”

Investigate Europe é um projecto iniciado em Setembro de 2016 que junta jornalistas de oito países europeus. Tem o apoio das fundações Adessium (Holanda), Cariplo (Milão), Hübner und Kennedy (Kassel), Fritt Ord (Oslo), Calouste Gulbenkian (Portugal), Rudolf Augstein (Hamburgo), GLS (Alemanha) e Open Society Initiative for Europe (Barcelona).



Diário de um pesadelo

Antes de arder, o campo de refugiados de Moria já era um inferno **P4 a 7**



Abrir portas onde se erguem muros

Director: Manuel Carvalho Domingo, 22 de Novembro de 2020 • Ano XXXI • n.º 11.169 • Edição Lisboa • Assinaturas 808 200 095 • 1,70€

Refugiados
Caderno encontrado nas cinzas de Moria revela o pesadelo das crianças sós

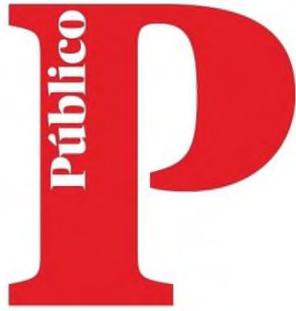


P2

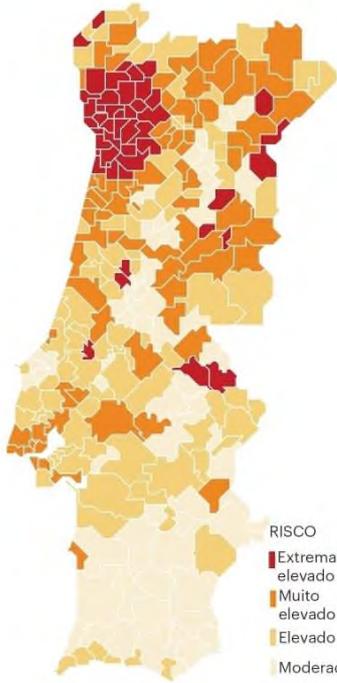
Uma revolução no SNS
Quando os médicos foram à periferia para mudar o país



P2



Restrições mais duras em 127 concelhos



Covid-19 País dividido em graus de risco • Nos concelhos com risco mais elevado há recolher obrigatório a partir das 13h ao fim-de-semana e feriados • Aulas suspensas e tolerância de ponto a 30 de Novembro e 7 de Dezembro • Costa pediu a Marcelo que preveja confinamentos compulsivos • Autarcas e médicos com algumas reservas **Destaque 2 a 7 e Editorial**

Jovens
Maioria dos novos 'nem-nem' vem dos cursos profissionais

Não estudam nem trabalham. São 6% dos jovens que terminaram o secundário em 2018/19. Raparigas estão em maioria *Sociedade, 14/15*

Teatro
Como a covid-19 contagiou as pequenas companhias

Há estruturas que se mantêm à tona e outras que enviam trabalhadores para o desemprego. "O esforço vale a pena?", questionam *Cultura, 26*

Trabalho
Nova realidade força mudanças na legislação do teletrabalho

Teletrabalho veio para ficar, mas é unânime entre os especialistas que é preciso adaptar as regras ao novo contexto laboral *Economia, 20/21*



MotoGP
A primeira pole position de Oliveira surgiu em Portugal

Piloto português parte do primeiro lugar para o último Grande Prémio do Mundial 2020, em Portimão. Um feito inédito *Desporto, 28*